

💡 LIVRES

O liberalismo radical e progressista de

**FREDERICK  
DOUGLASS**

# Sumário

<b>Quem é Frederick Douglass?</b>	3
<b>O Liberal Douglass</b>	4
<b>O Radical Douglass</b>	9
<b>O Progressista Douglass</b>	15
<b>O Liberal Radical e Progressista Douglass</b>	32

**Este e-book foi escrito por um associado Livres!**



**Felipe Prestes**

Associado Livres do Núcleo Estadual do Amazonas.  
Escritor e ensaísta.

# Quem é Frederick Douglass?

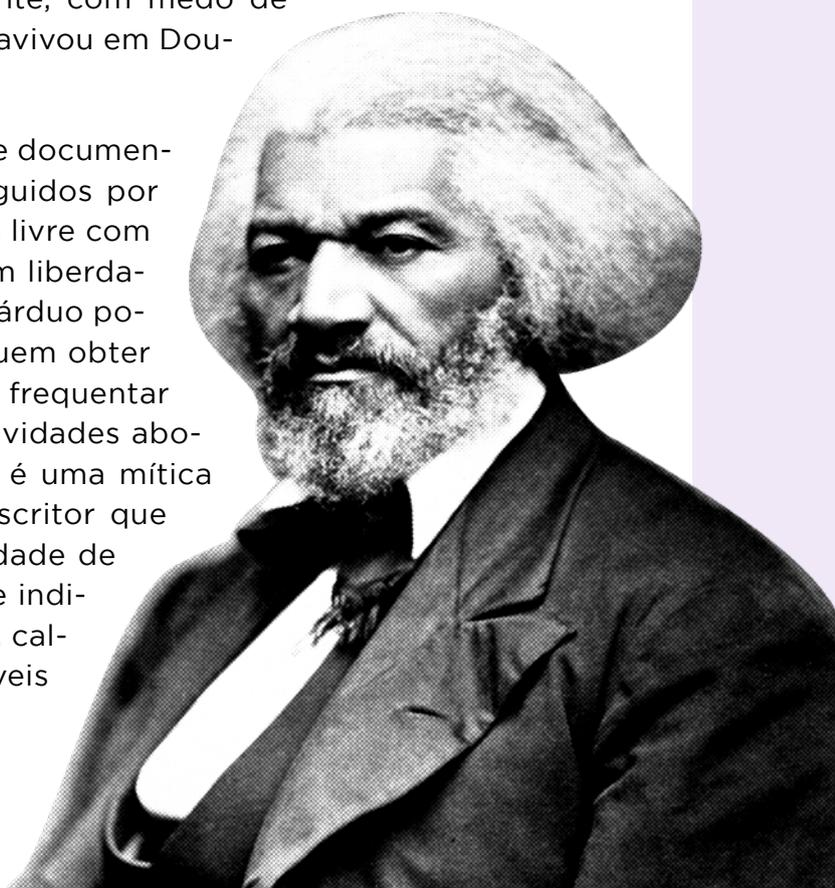
Falar de um ícone como **Frederick Douglass** em poucas palavras é até possível, mas limita demais a compreensão quanto a de quem se está falando. Se em poucas palavras se pode dizer que Douglass foi um negro que, nascido escravo, após fuga se tornou o principal líder abolicionista e da luta pelos direitos civis no século XIX, o que a princípio pode soar impressionante, há muito mais a se falar, de modo que estas palavras ainda são poucas.

[Um resumo mais denso da vida de Douglass se encontra a seguir:](#)

Douglass nasceu escravo, filho da escrava Harriet Bailey e ao que tudo indica, de seu então dono, Aaron Anthony (1767-1826). Recebeu suas primeiras lições de abecedário da Sra. Sophia Auld (1797-1880), esposa de outro de seus donos, o Sr. Hugh Auld (1799-1861). Estas lições foram interrompidas devido às leis de proibição de alfabetização de escravos. Tendo percebido justamente nessa proibição a importância de ele, como escravo, aprender a ler, Douglass não se deu por vencido, e passou a receber aulas escondido de garotos brancos em troca de comida, e aprendeu a ler praticamente sozinho, e enquanto escravo, ensinou outros negros escravizados a ler.

Tendo assim descoberto o que significava abolição, e aprendido que havia lugares onde ele não seria um escravo, Douglass ficou decidido a fugir. Após tentativas fracassadas de fuga, é posto sob as rédeas do Sr. Covey, um famoso feitor e “domador de escravos”, contra o qual travou uma luta física, para evitar de ser açoitado, e lutou até que o Sr. Covey pedisse para parar. Desde então, o Sr. Covey nunca mais tentou castigar Douglass fisicamente, com medo de apanhar novamente. Esta vitória física reavivou em Douglass a força de vontade de fugir.

Aos 20 anos, Douglass foge com ajuda de documentos falsos da Marinha Americana conseguidos por Anna Murray Douglass (1813-1882), negra livre com quem se casará logo em seguida, e já em liberdade, vive com Anna uma vida de trabalho árduo porém livre e feliz, através do qual conseguem obter uma vida confortável, além de passar a frequentar e participar ativamente de reuniões e atividades abolicionistas. Daí em diante, o que se tem é uma mítica carreira como um jornalista, orador e escritor que viveu intensamente de defender a igualdade de direitos, a liberdade e a responsabilidade individual, o pluralismo e o desenvolvimento, calcado em princípios liberais, levados a níveis radicais, com objetivos progressistas.



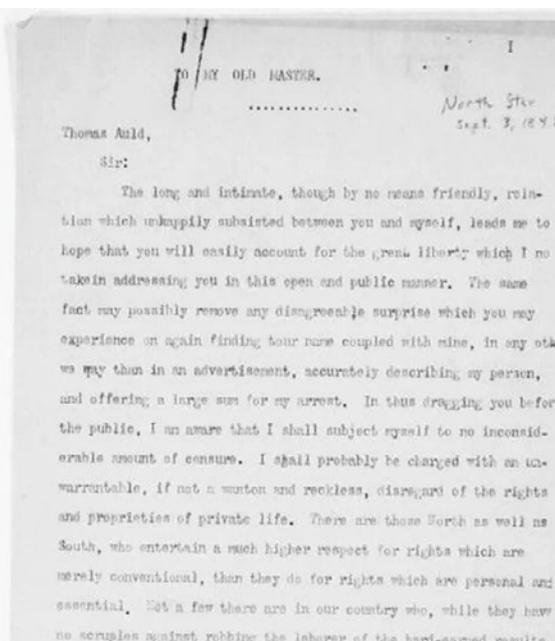
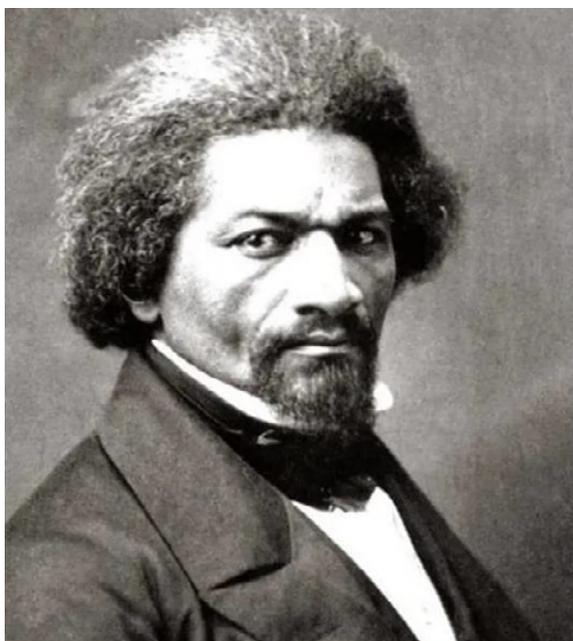
# O Liberal Douglass

**A** biografia de Douglass é, sem dúvida, impressionante, e as suas motivações para superar o abjeto estado de escravidão em que nasceu e se envolver em diversas batalhas até o fim da vida eram basicamente duas: igualdade & liberdade.

Todos somos, igualmente humanos, sendo assim, ninguém tem o direito de possuir o outro, cabendo a cada um a posse de si próprio, e o direitos de usufruir de suas habilidades e de fazer suas escolhas. Este é, de forma geral e resumida, o princípio básico do liberalismo desde Locke, e foi por este princípio que Douglass fugiu da escravidão.

Em sua clássica Carta para Thomas Auld, seu então senhor, na qual justifica seu ato de fuga, Douglass afirma com convicção:

“*A moralidade do ato, eu proponho como a seguinte: eu sou eu mesmo, você é você mesmo; somos duas pessoas distintas, pessoas iguais. O que você é, eu sou. Você é um homem, e eu também sou. Deus criou a nós ambos e nos fez seres separados. Eu não sou por natureza ligado a você, ou você a mim. A natureza não faz com que sua existência dependa da minha, ou com que a minha dependa da sua. Não posso andar sobre suas pernas ou você sobre as minhas. Não posso respirar por você ou você por mim; eu devo respirar por mim mesmo e você por você mesmo. Somos pessoas distintas, e cada um é igualmente dotado de faculdades necessárias à nossa existência individual. Ao deixar você, eu não tomei nada a não ser o que pertencia a mim, e de maneira alguma diminuí seus meios para obter uma vida honesta. Suas faculdades permaneceram suas, e as minhas tornaram-se úteis para seu legítimo dono. Portanto, não vejo nada de errado em qualquer parte da transação.*”



Douglass, assim, não apenas ressoa Locke, como também o supera pessoalmente, já que Locke tem em sua biografia a mancha de ter sido um escravista.

Assim como Locke, Douglass acreditava que a defesa dos direitos e liberdades individuais eram o principal motivo da existência do governo, sendo muito mais democrático que Locke nesse aspecto, se aproximando de Alexis de Tocqueville, ao defender que garantida a igualdade de direitos, não cabia muito mais ao governo fazer, como pode ser observado no trecho a seguir do clássico ***Politics, an Evil to the Negro*** (Tradução livre: “Política, um mal para o Negro”):

“Quase não é necessário dizer que nos opomos a toda aristocracia, seja de riqueza, poder ou cultura. A beleza e a perfeição do governo aos nossos olhos serão alcançadas quando todas as pessoas sob ele, homens e mulheres, negros e brancos, tiverem o direito de participação igual no exercício de seu poder e de desfrutar de seus benefícios [...] Quando a sociedade tiver garantido isso aos seus membros, e o mais humilde cidadão da república é colocado na propriedade imperturbada dos frutos naturais de seus próprios esforços, realmente resta muito pouco para a sociedade e o governo fazerem. O que resta para o esclarecimento e para a civilização pode ser deixado com segurança para o esforço individual, fora da máquina governamental. Aceitamos aquela fé política universalmente aceita, mas em nenhum lugar praticada, de que o melhor governo é aquele que governa menos. E lamentamos totalmente aquela outra teoria que pressupõe que, porque os governos são bons para alguma coisa, eles são, portanto, bons para tudo.

Assim como Locke e Tocqueville, Douglass compreendia que liberdade individual também envolve responsabilidade individual, em especial para consigo próprio, como ele várias vezes enfatizou, algumas ainda durante o período de escravidão, como exemplifica no provocador texto ***What Are The Colored People Doing For Themselves*** (Tradução livre: “O que as pessoas ‘de cor’ estão fazendo para si mesmas”).

“O presente é um tempo em que cada negro da terra deve levar esta importante questão para o seu próprio coração. Não basta saber que homens e mulheres brancos estão se dedicando nobremente à nossa causa; devemos saber o que está sendo feito entre nós. Que nossos amigos brancos tenham feito, e ainda estejam fazendo, um grande e bom trabalho por nós, é um fato que deve despertar em nós sentimentos da mais profunda gratidão; mas nunca deve ser esquecido que quando eles exerceram todas as suas energias, arquitetaram todos os esquemas e fizeram tudo o que podiam para reivindicar nossos direitos, proclamar nossas injustiças e repreender nossos inimigos, seus trabalhos estão perdidos - sim, pior do que perdidos, a menos que sejamos encontrados no cum-

*primento fiel de nossos deveres anti-escravidão. Se houver um espírito mau entre nós, para a expulsão do qual oramos com mais fervor do que outro, é aquele espírito preguiçoso, mesquinho e covarde que nos rouba toda a autossuficiência viril e nos ensina a depender de outros para a realização daquilo que deveríamos alcançar com nossas próprias mãos. Nossos amigos brancos podem e estão removendo rapidamente as barreiras ao nosso aprimoramento, que eles próprios estabeleceram; mas a obra principal deve ser iniciada, continuada e concluída por nós mesmos. Embora em nenhuma circunstância devemos subestimar ou deixar de apreciar os esforços abnegados de nossos amigos, nunca devemos perder de vista que nosso destino, para o bem ou para o mal, para o tempo e para a eternidade, é, por um Deus sábio, comprometido conosco; e que todas as ajudas ou obstáculos com que nos depararmos na terra nunca podem nos libertar dessa alta responsabilidade imposta pelo céu. É evidente que podemos ser melhorados e elevados apenas na medida em que nos aperfeiçoarmos e elevarmos. Devemos subir ou cair, ter sucesso ou falhar, por nossos próprios méritos.*

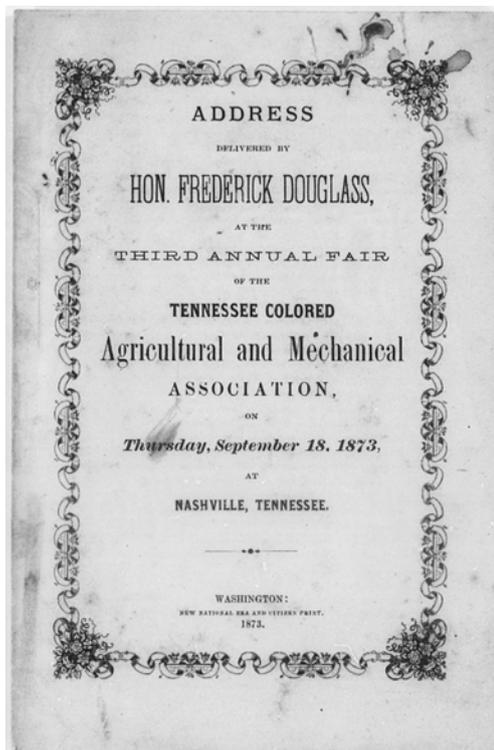
*Se formos descuidados e despreocupados com nossos próprios direitos e interesses, não está ao alcance de toda a terra combinada nos elevar de nossa atual condição degradada.*

E esta questão se manteve na obra de Douglass também no que dizia respeito aos negros recém libertos nos pós abolição, como se pode observar no clássico discurso **What The Black Man Wants** (Nome do discurso. Tradução livre: “O que o homem negro quer”), no qual faz uma dura crítica as tendências de caridade para com os negros:

“ Não é benevolência, não é pena, não é simpatia, mas simplesmente justiça. [...] O povo americano sempre esteve ansioso para saber o que farão conosco [...] Eu tenho apenas uma resposta desde o começo. Não façam nada conosco! O seu “fazer conosco” já jogou o mal sobre nós. Não façam nada conosco! [...] Se o negro não puder ficar de pé sobre suas próprias pernas, que caia [...]. Tudo que eu peço é: deem a ele uma chance de ficar em pé sobre suas próprias pernas! Deixem-no em paz! Se vocês o virem a caminho da escola, deixem-no em paz, não o perturbe! Se vocês o virem indo para a mesa de jantar em um hotel, deixem-no ir! Se vocês o virem indo para a urna, deixem-no em paz, não o perturbe! Se vocês o virem entrar em uma oficina, apenas deixem-no em paz – sua interferência está lhe causando uma lesão positiva [...] Se o negro não pode viver pela linha da justiça eterna [...] a culpa não será sua, será daquele que fez o negro [...]. Deixem-no viver ou morrer por isso. Se vocês só desatarem as mãos dele e lhe derem uma chance, acho que ele viverá.

Em outro clássico discurso, proferido na **Terceira Feira Anual da Associação Agrícola e Mecânica ‘de Cor’ do Tennessee**, Douglass enfatiza, desafiando os dogmas religiosos comuns entre negros na época:

“ Acumulem propriedade. Isso talvez soe para você como um novo evangelho. Vocês estão acostumados a ouvir que o dinheiro é a raiz de todos os males; que é difícil para os ricos entrar no reino dos céus; que este mundo não tem importância; que não devemos nos preocupar com o amanhã, e muito mais do mesmo tipo. Em resposta a tudo, o que eu digo: que nenhuma pessoa pode fazer qualquer melhoria social ou mental cujos esforços sejam assim limitados. A pobreza é nossa maior calamidade. Isso atrai sobre nós a própria condição que nos torna um povo indefeso, sem esperança, dependente e desanimado, o alvo do desprezo e escárnio de todos ao nosso redor. Por outro lado, propriedade, dinheiro, produção para nós a única condição sobre a qual qualquer pessoa pode ascender à dignidade da verdadeira masculinidade, pois, sem propriedade não pode haver lazer. Sem lazer não pode haver invenção, sem invenção não pode haver progresso.



Douglass manteve essa posição pelo resto de sua vida, pois via nela não apenas uma arma de defesa da segurança dos negros, mas também uma arma de luta contra o preconceito que não via os negros como algo além de miseráveis. No clássico discurso **West Indies Emancipation** (Tradução livre: “Emancipação das Índias Ocidentais”), cujo trecho se encontra em anexo na sua terceira autobiografia, Douglass insiste que:

“ Nem nós, nem qualquer outra pessoa, jamais seremos respeitados até que nos respeitemos, e nunca iremos nos respeitar até que tenhamos os meios para viver respeitosamente. Um povo excepcionalmente pobre e dependente será desprezado pelos opulentos e se desprezará. [...] Não é da natureza das coisas que sejamos igualmente ricos em bens deste mundo. Alguns terão mais sucesso do que outros e a pobreza, em muitos casos, é o

*resultado do infortúnio e não do crime; mas nenhuma raça pode permitir que todos os seus membros sejam vítimas desta desgraça, sem ser considerada uma raça sem valor. [...] Com o dinheiro e a propriedade vêm os meios de conhecimento e poder. Uma classe atingida pela pobreza será uma classe ignorante e desprezada, e nenhum sentimento pode fazer que seja de outra forma. Esta parte do nosso destino está em nossas próprias mãos. Cada dólar que você acumula representa um dia de independência, um dia de descanso e segurança no futuro. Se chegar o tempo em que possuiremos entre os negros dos Estados Unidos uma classe de homens notáveis pela empresa, indústria, economia e sucesso, não teremos mais problemas em matéria de direitos civis e políticos. A batalha contra o preconceito popular terá sido travada e vencida e, como todas as outras raças e cores, teremos chances iguais na corrida pela vida.”*

Para Douglass, o que estava em jogo nesta questão de acúmulo de dinheiro e propriedade não era apenas uma avareza mesquinha, era uma questão de liberdade, de responsabilidade, de desenvolvimento e segurança individuais e sociais. Assim, Douglass se apresenta ao lado de um Adam Smith em assuntos sócio econômicos.

Aliás, a menção a Smith aqui não é por acaso, já que Douglass lembrou dos ensinamentos de Adam Smith desde seu combate as falácias escravistas:



*A velha doutrina de que a escravidão do negro é essencial para a liberdade da raça branca, pode se manter apenas na presença da escravidão, onde o interesse e o preconceito são os poderes controladores, mas é condenada igualmente pela razão e pela experiência. O estatismo de hoje a condena e repudia como um pretexto superficial para a opressão. Ela pertence às falácias comerciais há muito expostas por Adam Smith. Está no mesmo nível da noção desprezível de que cada migalha de pão que vai para a boca de outro homem é apenas um pedaço de pão tirado da minha. Considerando que a regra é neste país de terras abundantes, quanto mais bocas você tem, mais dinheiro você pode colocar no bolso, mais eu posso colocar no meu. Tal como acontece com a economia política, também com os direitos civis e políticos.”*

Percebe-se assim que Douglass, em sua defesa da igualdade e da liberdade, nos termos de clássicos do pensamento liberal da época e anteriores, era bastante eloquente e assertivo, convicto e radical.

# O Radical Douglass



**D**ouglass foi um dos mais radicais militantes pela liberdade de sua época. Isso estava entranhado em suas convicções em relação a igualdade e a liberdade como ideais pelos quais se valia a pena lutar, pelos quais se era responsável social e individualmente por lutar. Tudo isto fica latente em famosos discursos motivadores aos negros que lutavam contra a escravidão, discursos através dos quais Douglass reiterava a responsabilidade dos negros nessa luta, mesmo que indo contra o preconceito racial ainda presente mesmo entre abolicionistas (que, se é verdade que lutavam contra a escravidão, também é verdade que ainda olhavam os negros por cima), assim como reiterava que essa luta era inevitável se se quisesse realmente se ser livre. Em uma de suas mais famosas passagens, conhecida como ***If there is no struggle, there is no***

***progress*** (Tradução livre: “Se não há luta, não há progresso”), Douglass defende que:



*O sentimento geral da humanidade é que se um homem não luta por si mesmo, quando tem os meios para fazê-lo, não vale a pena que outros lutem por ele, e esse sentimento é justo. Pois um homem que não valoriza a liberdade para si mesmo nunca a valorizará para os outros, ou se colocará em qualquer inconveniente para conquistá-la para os outros. Tal homem, diz o mundo, pode deitar-se até ter juízo suficiente para se levantar. É inútil e cruel colocar um homem sobre suas pernas, se no momento seguinte sua cabeça cair em um meio-fio.*

*Um homem desse tipo nunca colocará o mundo sob qualquer obrigação para com ele, mas será um indigente moral, um peso nas rodas da sociedade, e se ele também for identificado como uma variedade peculiar de uma raça, causará tanta desgraça em sua raça quanto sobre si mesmo [...] Não está dentro do poder da natureza humana sem ajuda perseverar na piedade a um povo que é insensível às suas próprias injustiças e indiferente à conquista de seus próprios direitos.*

[...]

*Eu sei, meus amigos, que em alguns lugares os esforços das pessoas negras encontram muito pouco encorajamento. Podemos lutar, mas devemos lutar como os cipaio da Índia, sob o comando de oficiais brancos. Essa classe de abolicionistas não gosta de festas de pessoas negras, não gosta de convenções de pessoas negras, não gosta de feiras antiescravistas de pessoas negras para apoio de jornais de pessoas negras. Eles não gostam de nenhuma manifestação em que homens negros tenham um papel de liderança. Eles falam do orgulhoso sangue anglo-saxão tão levemente quanto aqueles que professam acreditar na inferioridade natural das raças. Seu humilde orador foi tachado de ingrato, porque se aventurou a se levantar sozinho e defender nossa causa comum como homem negro, e não como guarnição. Considero que não faz parte da gratidão permitir que nossos amigos brancos façam todo o trabalho, enquanto apenas seguramos seus casacos. A oposição do tipo agora referido é uma posição partidária, e não precisamos nos importar com isso. Os brancos em geral não serão amplamente influenciados por ela. Eles verão e apreciarão todos os esforços honestos de nossa parte para melhorar nossa condição como povo.*

*Deixe-me dar-lhe uma palavra sobre a filosofia da reforma. Toda a história do progresso da liberdade humana mostra que todas as concessões feitas a suas augustas reivindicações nasceram de uma luta fervorosa. O conflito tem sido excitante, agitador, absorvente e, por enquanto, tem silenciado todos os outros tumultos. Ele deve fazer isso, ou então não faz nada. Se não há luta, não há progresso. Aqueles que professam ser a favor da liberdade e ainda assim desaprovam a agitação são homens que querem colheitas sem arar o solo; eles querem chuva sem trovões e relâmpagos. Eles querem o oceano sem o terrível rugido de suas muitas águas.*

*Essa luta pode ser moral, ou pode ser física, e pode ser tanto moral quanto física, mas deve ser uma luta. O poder não concede nada sem uma demanda. Ele nunca fez e nunca fará. Descubra exatamente a que qualquer pessoa se submeterá silenciosamente e você descobrirá a medida exata da injustiça e do mal que será imposta a ela, e ela continuará até que seja resistida com palavras ou golpes, ou com ambos. Os limites dos tiranos são prescritos pela resistência daqueles a quem eles oprimem.”*

O radicalismo de Douglass foi um dos principais incentivadores públicos de um conflito armado na luta contra a escravidão, o que realmente se realizou na Guerra Civil Americana (1861-65). Durante este período, Douglass exerceu funções cruciais e decisivas junto ao exército da União e do governo dos EUA. Douglass participou diretamente da idealização, criação e recrutamento do 54º Regimento de Voluntários da Infantaria de Massachusetts, o primeiro regimento do exército americano formado por negros, e lutou por igual tratamento para os soldados negros em relação aos soldados brancos. Seu histórico editorial de 1863, **Men of Color, To Arms!** (Tradução livre: “Homens ‘de cor’, às armas!”), foi um dos principais textos escritos na época, através do qual Douglass conclamava os negros do Norte a não se negarem a pegarem em armas e a lutarem pela liberdade dos negros do Sul:

**MEN OF COLOR  
TO ARMS! TO ARMS!  
NOW OR NEVER**

This is our golden moment! The Government of the United States calls for every Able-bodied Colored Man to enter the Army for the

**Three Years' Service!**

And join in Fighting the Battles of Liberty and the Union. A new era is open to us. For generations we have suffered under the horrors of slavery, outrage and wrong; our manhood has been denied, our citizenship blotted out, our souls seared and hoaxed, our spirits cowed and crushed, and the hopes of the future of our race involved in doubt and darkness. But now our relations to the white race are changed. Now, therefore, is our most precious moment. Let us dash to arms!

**FAIL NOW, & OUR RACE IS DOOMED!**

... This is our golden moment! We must now awake, arise, to be forever free. If we value liberty, if we wish to be free in this land, if we love our country, if we love our families, our children, our home, we must arise now while the country calls; we must rise up in the dignity of our manhood, and show by our own right arms that we are worthy to be freemen. Our manhood has made the country believe that we are brave warriors, without soul, without manhood, without the spirit of nobility. Shall we die with this stigma resting upon our graves? Shall we leave this inheritance to our Children? No, a thousand times NO! We WILL RISE! The alternative is open to us. Let us rather die freemen than live in slavery. What is life without liberty? We say that we have manhood; now is the time to prove it. A nation or a people that cannot fight may be pitied, but cannot be respected. If we would be respected men, if we would forever silence the tongue of Calumny, of Prejudice and Hate, let us Rise Now and Fly to Arms! We have seen what Valor and Heroism our Brothers displayed at Fort Mifflin and Mifflin's Head, should they not join from the gallant, valiant group of Slaves, they have entered the World by the most exalted heroism. If they have proved themselves brave, cannot WE PROVE OURSELVES MEN?

**ARE FREEMEN LESS BRAVE THAN SLAVES**

How often William White, Men have left Comfortable Homes and joined the ranks of the Union to save their Country. Cannot we brave men, and enroll the Bands of the Union to save our Liberties, without our manhood and manly soul of our Country. MEN OF COLOR! the Englishmen, the Irishmen, the Frenchmen, the Germans, the Americans, have been called to exert their claims to freedom and a manly character, by an appeal to the sword. The day that has seen an undaunted race of freemen, white Americans and other nations, in arms, so that our free government has come. If we rise and leave in the hands of humanity this Englishman's year of liberty, to all our regard for God and humanity, by all your desire for Liberty and Equality before the law, by all your love for the Country, to save our manhood, bring to nothing the efforts and your sacrifices for the Army. Come Forward, and a name enroll your Names on the Three Year Service. Neither now, and you are traitors and forever Freemen!

E. D. Bennett,	Rev. J. Underhill,	F. J. Armstrong,	Rev. J. C. Gibbs,	Elijah J. Davis,
William D. Forten,	John W. Payne,	J. W. Simpson,	Samuel George,	John P. Starr,
Frederick Douglass,	Augustus Bursey,	Rev. J. R. Trusty,	Robert M. Adger,	Robert Jones,
Wm. Whipper,	Rev. Stephen Smith,	S. Morgan Smith,	Henry M. Cropper,	O. V. Catlin,
D. D. Turner,	N. W. Depee,	William E. Gipson,	Rev. J. H. Reeve,	Thos. J. Boney,
Joe McCummell,	Dr. J. H. Wilson,	Rev. J. Houlston,	Rev. J. A. Williams,	I. D. CHEE,
A. N. Casey,	J. W. Casey,	Rev. J. Asher,	Rev. J. E. Stoddard,	Jacob C. White,
A. M. Green,	James Needham,	Rev. Elisha Weaver,	Thomas J. Howers,	Morris Hall,
J. W. Page,	Ebenezer Black,	David H. Bowers,	J. C. White, Jr.,	J. P. Johnson,
L. R. Seymour,	James H. Gordon,	Henry Hinton,	Rev. J. P. Campbell,	Franklin Turner,
Rev. William T. Cutts,	Samuel Stewart,	Daniel Colley,	Rev. W. J. Alston,	Jesse E. Glasgow,

*A Meeting in furtherance of the above named object will be held*

And will be Addressed by

U. S. Stearns-Power Book and Job Printing Establishment, Ledger Building, Third and Chestnut Streets, Philadelphia

“ Por toda consideração que os liga aos seus compatriotas escravizados, e à paz e bem-estar de seu país; por toda a aspiração que vocês nutrem pela liberdade e igualdade para si mesmos e para seus filhos; por todos os laços de sangue e identidade que nos tornam um com os corajosos homens negros lutando agora em nossas batalhas na Louisiana e na Carolina do Sul, peço que voem para as armas e destruam com a morte o poder que enterraria o governo e sua liberdade na mesma sepultura sem esperança [...] O portão de ferro da nossa prisão está meio aberto. Uma investida galante do Norte irá escancará-lo, enquanto quatro milhões de nossos irmãos e irmãs saíram em liberdade. A chance agora é dada a vocês para terminarem em um dia a escravidão dos séculos, e elevarem-se de um limite da degradação social para o plano da igualdade comum em relação a todas as outras variedades de homens.”

Já em **Another Word to Colored Men** (Tradução livre: “Outra Palavra para Homens ‘de cor’”), ainda em 1863, Douglass faz uma referência a uma clássica passagem do iluminista radical e líder revolucionário Thomas Paine e lança:

“A alma do homem branco foi testada em 1776. A alma do homem negro é testada em 1863. A primeira resistiu ao teste e é recebida como genuína - assim pode ser com a última. O olho julgador da nação está fixo no homem negro. Ele está em meio a dúvidas se sua conduta nesta crise irá refutar ou confirmar suas alegações contra a raça negra. Eles estão prontos para aplaudir ou lançar o ferrolho da condenação. Qual será, meus bravos e fortes irmãos de coração? A decisão de nosso destino está agora, como nunca antes, em nossas mãos. Podemos deixá-la ao chão, desprezada e cuspidada por todos os que passam; ou podemos, como homens valentes, erguer-nos e destrancar para nós os portões dourados de um futuro glorioso. Pode ter certeza, não temos tempo a perder. Recuar é convidar a infâmia a nós mesmos e a nossos filhos. Todos os negros que odeiam os vermes da terra serão desagradáveis conosco, se nossa coragem diminuir a esta hora. [...] O negro, em armas para lutar pela liberdade de sua raça e pela segurança e proteção do país, dará a seus conterrâneos uma revelação mais elevada e melhor de seu caráter. O caso fica assim: pedimos à nação uma chance de lutar contra os rebeldes - lutar contra a escravidão e lutar pela liberdade. Bem, a chance agora é dada a nós. Devemos progredir ou afundar mais profundamente do que nunca no abismo da degradação social e política, de onde lutamos durante anos para nos livrarmos

Assim, Douglass foi alçado ao patamar de conselheiro pessoal de Lincoln, convencendo-o finalmente da necessidade urgente da abolição da escravidão para que a União derrotasse a Confederação.

Com a abolição da escravidão conquistada, o foco da militância de Douglass passou a ser a luta para que todos os demais direitos garantidos aos brancos fossem igualmente garantidos aos negros. Na verdade, mesmo antes da efetiva abolição, Douglas já se mostrava atento às questões que se sucederiam em relação aos negros que ele tinha fé que logo estariam livres, como fica evidente no texto devidamente chamado de **The Work of Future** (Tradução livre: O Trabalho do Futuro):





*Qual será o seu status [dos negros] na nova condição das coisas? Devem trocar a relação em que eram escravos de indivíduos, apenas para se tornarem escravos da comunidade em geral, não tendo nenhum direito que alguém deva respeitar, sujeitos a um código de leis separado para negros, que lhes negue o privilégio de ir à escola, que lhes negue o direito ao sufrágio, que lhes negue o direito de se sentarem como jurados, que lhes negue o direito de testemunharem nos tribunais, que lhes negue o direito de possuírem e portarem armas, que lhes negue o direito à liberdade de expressão e o direito de petição? Ou eles devem ter garantido a eles direitos iguais perante a lei?*

[...]

*O trabalho não termina com a abolição da escravidão, mas apenas começa. A escravidão tem sido o grande obstáculo. Ficou parada no caminho do conhecimento e do progresso, não temendo nada mais do que a iluminação de seus escravos. Este velho e sombrio obstáculo foi removido, e jatos de luz celestial iluminarão rapidamente a terra coberta de escuridão, crueldade e crime*

Logo após o fim da escravidão em 1865, o foco de Douglass então passou a ser lutar contra seu legado. Devido a tudo pelo que já tinha passado desde que nasceu, devido a saber o que era a escravidão e qual a sua influência, Douglass também sabia que aquele momento pós vitória sobre os confederados era o momento perfeito para radicalismo, no real sentido da palavra, isto é, que aquele era o momento perfeito para atacar as raízes das discriminações contra negros, e que o governo federal não deveria se encolher diante do desafio. Assim Douglass profere o famoso **Reconstruction** (Tradução livre: Reconstrução), diante do Congresso em 1866, um ano após o fim da Guerra Civil e da escravidão, para mostrar o que tinha que ser feito:



*Embora ainda haja uma ideia como o direito de cada Estado de controlar seus próprios assuntos locais, - uma ideia, aliás, mais profundamente enraizada nas mentes dos homens de todas as partes do país do que talvez qualquer outra ideia política - nenhuma afirmação geral dos direitos humanos pode ter assim qualquer valor prático. Mudar o caráter do governo neste ponto não é possível nem desejável. Basta tornar o governo consistente consigo mesmo e compatibilizar os direitos dos Estados com os sagrados direitos da natureza humana.*

[...]

*A escravidão, como todos os outros grandes sistemas de injustiça, fundados nas profundezas do egoísmo humano e existindo por séculos, não negligenciou sua*

*própria conservação. Ela tem exercido continuamente uma influência favorável à sua própria continuidade, sobretudo ao seu redor. E hoje é tão forte que poderia existir, não só sem uma lei, mas até contra a lei. Costumes, maneiras, moral, religião estão todos do seu lado em todos os lugares no Sul; e quando se adiciona a ignorância e o servilismo do ex-escravo à inteligência e autoridade acostumada do mestre, se tem as condições, não nas quais a escravidão crescerá novamente, mas nas quais é impossível para o governo federal destruí-la totalmente, a menos que o governo federal esteja armado com poder despótico, para apagar a autoridade estadual e colocar um oficial federal em cada esquina. Isso, é claro, não pode ser feito, e não deveria mesmo se pudesse. A maneira verdadeira e mais fácil é tornar nosso governo inteiramente consistente consigo mesmo e dar a cada cidadão leal a franquia eletiva - um direito e poder que estarão sempre presentes e formarão uma parede de fogo para sua proteção*

[...]

*Em todas as reuniões públicas consideráveis, e em quase todas as formas concebíveis, seja no tribunal, escola ou esquinas, dentro e fora, o assunto foi discutido, e o povo se pronunciou enfaticamente a favor de uma política radical. Ouvindo as doutrinas de conveniência e transigência com pena, impaciência e aversão, eles em toda parte começaram a manifestar o mais selvagem entusiasmo quando uma palavra corajosa foi dita em favor da igualdade de direitos e do sufrágio imparcial. O radicalismo, longe de ser odioso, é agora o passaporte popular para o poder.*

[...]

*E óbvio para o senso comum que os Estados rebeldes se encontram hoje, do ponto de vista jurídico, exatamente onde se encontravam quando, exaustos, espancados, vencidos, caíram impotentes aos pés da autoridade federal. Seus governos estaduais foram derrubados, e as vidas e propriedades dos líderes da rebelião foram confiscadas. Ao reconstruir as instituições desses Estados destruídos e derrubados, o Congresso deveria começar do zero e fazer um trabalho limpo. Que não haja hesitação”.*

Ao longo de todo o texto até aqui, já se percebeu que Douglass não apenas partia de princípios liberais, e não apenas os defendia e por eles lutava de maneira radical, mas era motivado pela perspectiva de um vigoroso progresso em direção a um objetivo ideal, um ideal igualitário de justiça, que ia além das questões relacionadas aos negros, como se verá mais a seguir. Douglass era neste sentido um determinado progressista.

# O Progressista Douglass

O ideal de igualdade entre seres humanos, e a luta para se realizar socialmente este ideal, sem no entanto atentar contra a liberdade individual, é o grande norte de uma honrosa tradição progressista dentro do liberalismo, a qual tem em Douglass um dos seus principais nomes.

A vontade de uma igualdade entre todos os seres humanos, que garantisse a todos a mais plena liberdade individual possível era uma das mais fortes em Douglass. Movido por ela Douglass aprendeu a ler escondido e contra a lei, fugiu da escravidão para a liberdade, e lutou pela liberdade de milhares de outros negros, e os incentivou a serem protagonistas nesta luta, mesmo indo contra o racismo no interior do movimento abolicionista.

Conquistada a abolição, esta vontade ainda moveu Douglass na luta pela garantia governamental dos direitos dos negros recém libertos enquanto cidadãos, mesmo que para isso tivesse que lutar, e convocar o governo a lutar, contra preconceitos sociais e tradições e costumes religiosos arraigados. E esta vontade de igualdade não ficou restrita aos negros, e muitas vezes desafiou os limites do humanismo dos colegas de luta pelos direitos dos negros.

Um grande exemplo disso pode ser observado nas impressões que ficaram em Douglass de sua visita à Irlanda durante sua viagem à Europa no fim da década de 1840. A estadia de Douglass na Irlanda, aliás, o marcou profundamente, bem como a sua visão sobre a luta humanitária. Em uma carta enviada da Irlanda a William Lloyd Garrison, Douglass fala da miséria que presenciou nas ruas:

“ Quase literalmente vivas com mendigos, exibindo a maior miséria - alguns deles meros troncos de homens, sem pés, sem pernas, sem mãos, sem braços - e outros ainda mais terrivelmente deformados, com membros tortos, mãos e joelhos, com os pés se enrolando e chegando às suas costas, abriam caminho pelas ruas enlameadas e pela multidão impiedosa, lançando olhares tristes para a direita e para a esquerda, na esperança de atrair a atenção de algum estranho passando - os cidadãos em geral desviam seus rostos dos mendigos.”

[...]

*De todos os lugares para testemunhar a miséria humana, a ignorância, a degradação, a imundície e a miséria, uma cabana irlandesa é preeminente. Parece ser construída para promover o reverso de tudo o que signifique conforto doméstico. [...] Homens e mulheres, casados e solteiros, velhos e jovens, dei-*

*tam-se juntos, com a mesma degradação que os escravos americanos. Eu vejo muito aqui para me lembrar da minha condição anterior.*

[...]

*a causa da humanidade é uma em todo o mundo. Aquele que real e verdadeiramente tem sentimentos pelo escravo americano, não pode endurecer seu coração para as aflições dos outros; e aquele que se considera abolicionista, mas ainda assim não pode entender as injustiças de outros, ainda precisa encontrar um fundamento verdadeiro para sua fé antiescravista.”*

Com este exemplo, se observa que se Douglass foi um feroz militante nas questões relacionadas aos negros, seus princípios e horizontes não se limitaram a essas questões. Muitos outros exemplos podem ser dados, merecendo destaque o da defesa de Douglass dos direitos dos imigrantes chineses que estavam chegando em massa aos EUA no fim da década de 1860, algo sobre o que Douglass discutiu no discurso **Our Composite Nationality** (Tradução Livre: “Nossa Nacionalidade Composta”):



*Repugnância à presença e influência de estrangeiros é um sentimento antigo entre os homens.*

[...]

*Para esse sentimento, há muitas desculpas, pois nunca houve um erro, por mais flagrante e doloroso, para o qual alguma defesa plausível não pudesse ser enquadrada. Escravidão, trapaças de reis, trapaças de padres, fraudes religiosas, intolerâncias, perseguições, suicídios, assassinatos, repúdios e milhares de outros erros e crimes, todos tiveram suas defesas e desculpas.*

*Os preconceitos quanto a raça e a cor foram igualmente sustentados. Os dois melhores argumentos em suas defesas são, primeiro, a inutilidade da classe contra a qual foram dirigidos, e em segundo lugar, que se eles são sentidos, eles são inteiramente naturais.*

*A maneira de superar o primeiro argumento é trabalhar pela elevação daqueles considerados sem valor, e assim torná-los merecedores de consideração e assim, eles logo se tornarão dignos e não inúteis. Quanto ao segundo argumento, o de naturalidade destes preconceitos, pode-se dizer que a natureza tem muitos lados. Muitas coisas são, em certo sentido, naturais, que não são sábias nem de qualidades superiores. É natural andar, mas os homens, portanto, se recusam a cavalgar? É natural andar a cavalo, os homens recusam vapor e trilho? A civilização é em si uma guerra constante contra algumas forças na natureza, e devemos, portanto, abandonar a civilização e voltar à*

*vida selvagem?*

*A natureza tem duas vozes, uma é alta e a outra é baixa, uma está em harmonia com a razão e a justiça, e a outra aparentemente em guerra com ambos. Quanto mais os homens realmente conhecem a natureza essencial das coisas e da verdadeira relação que rege a humanidade, mais livres eles são de preconceitos de todo tipo. A criança tem medo da forma gigante de sua própria sombra. Isso é natural, mas ela vai separar seus medos quando for mais velha e mais sábia. Portanto, a ignorância é cheia de preconceitos, mas desaparecerá com a iluminação. Mas eu passo em frente.*

*Eu disse que os chineses virão, e que deram algumas razões pelas quais podemos esperá-los em grande número num futuro não muito distante. Se perguntarem se eu sou a favor dessa imigração, respondo que sim. Se eu os teria naturalizado e os teria investido com todos os direitos da cidadania americana? Eu teria. Se eu permitiria que eles votassem? Eu permitiria. Se eu permitiria que eles se ocupassem em algum cargo? Eu permitiria.*

*[...]*

*Essa questão da imigração chinesa deve ser baseada em princípios mais elevados do que aqueles de uma conveniência fria e egoísta. Existem coisas tais no mundo chamadas direitos humanos. Estes direitos não se baseiam em fundamentos convencionais, mas são externos, universais e indestrutíveis. Entre estes, está o direito de locomoção, o direito de migração, direito que não pertence a nenhuma raça particular, mas que pertence a todos, e a todos igualmente. É certo que vocês insistam em ficar aqui, e é correto que seus pais tenham insistido em terem vindo aqui. É esse grande direito que afirmo para chineses e japoneses, e para todas as outras variedades de homens igualmente como afirmo para vocês, agora e para sempre. Não conheço nenhum direito de raça superior aos direitos da humanidade, e quando há um suposto conflito entre direitos humanos e direitos nacionais, é seguro ir para o lado da humanidade.*

*[...]*

*Quero um lar aqui não só para os negros, mulatos e latinos, mas quero também que o asiático encontre um lar aqui nos Estados Unidos e sinta-se em casa aqui, quero isto tanto para ele como quero para os nossos. Direitos não prejudicam nenhum homem.*

*[...]*

*Em não importa qual outra nação que tenha sido grande e magnífica, nossa grandeza e magnificência será encontrada na aplicação fiel do princípio da*

*perfeita igualdade civil aos povos de todas as raças e credos, e aos homens sem credos. Não estamos apenas ligados a essa posição por nossa estrutura orgânica e por nossos antecedentes revolucionários, mas pelo gênio de nosso povo. Reunidos aqui, de todos os quadrantes do globo por uma aspiração comum de liberdade racional contra castas, governos de direito divino e classes privilegiadas, seria insensato sermos encontrados lutando contra nós mesmos e entre nós mesmos, seria loucura montar uma raça acima da outra, ou uma religião acima da outra, ou proibir qualquer uma, por conta de cor ou credo racial.*

[...]

*O homem é homem em todo o mundo. Este fato é afirmado e admitido frente a qualquer esforço para negá-lo. Os sentimentos que exibimos, seja amor ou ódio, confiança ou medo, respeito ou desprezo, sempre implicarão uma humanidade semelhante.*

*Um sorriso ou uma lágrima não tem nacionalidade, alegria e tristeza falam igualmente a todas as nações, e elas, acima de tudo, acima da confusão de línguas, proclamam a irmandade do homem”.*

Nestes trechos, se percebe claramente que Douglass antecipa bastante do pluralismo defendido por John Rawls no século XX, bem como a ênfase de um Amartya Sen atualmente na comum identidade humana contra sectarismos raciais, étnicos, nacionais e religiosos.

Falando em religião, além da discriminação puramente xenófoba, um dos principais argumentos contrários a imigração chinesa era o da diferença religiosa, afinal sendo os EUA um país majoritariamente cristão, a aceitação de um povo com costumes pagãos desafiaria as tradições religiosas da maioria.

A isto Douglass respondeu que sim, é verdade, e que era justamente por isso que se deveria receber abertamente imigrantes chineses:

“*Mesmo quanto a questão da liberdade religiosa, que custou ao mundo mais lágrimas, mais sangue e mais agonia do que qualquer outro interesse, haverá ajuda por sua presença. Não conheço igreja alguma, por mais tolerante que seja, nem nenhum sacerdócio, por mais esclarecido que seja, que pudesse ser confiado com segurança ao tremendo poder que a conformidade universal conferiria. Devemos acolher todos os homens de todos os matizes de opinião religiosa, como um dos melhores meios de controlar a arrogância e a intolerância que são as quase inevitáveis concomitantes da conformidade geral. A liberdade religiosa sempre floresce melhor em meio ao confronto e competição de credos religiosos rivais.*

Não foi apenas nesta ocasião que a liberdade religiosa e a igualdade de direitos entre diferentes grupos religiosos, historicamente uma das mais caras ao liberalismo, também foi defendida arduamente por Douglass em seus limites mais amplos. Para Douglass, a mais expressiva maioria religiosa, com todos os seus costumes e tradições, deveria ser colocada em igual patamar a menor minoria religiosa, incluindo a ateia. Douglass deixou isso evidente em sua furiosa reação a uma proposta de menção constitucional a um Ser Supremo, contra a qual escreveu o artigo **An Attempt Against Religious Liberty** (Nome do artigo. Tradução Livre: “Um Atentado Contra a Liberdade Religiosa”), no qual afirma:



*É realmente estranho que deixem de ver que o silêncio da Constituição sobre a existência ou inexistência de um Ser Supremo não é uma omissão accidental; que, pelo contrário, o reconhecimento desejado por eles é expressamente impedido por aqueles artigos da Constituição que proíbem o estabelecimento de uma Igreja do Estado, e asseguram a todos liberdade religiosa absoluta. Ora, a liberdade religiosa evidentemente não significa apenas a liberdade de professar um ou outro credo, ou introduzir algum novo, mas inclui também o direito de se manter inteiramente longe de ligações religiosas, à dúvida e a descrença, no sentido mais amplo da palavra. Essa tolerância universal é uma das principais condições da grandeza e prosperidade de nosso país. Não é apenas um incentivo aos imigrantes de todas as partes do mundo, mas também uma das fontes de nossa segurança, como a única base sobre a qual as pessoas de todos os credos e seitas podem viver juntas em paz. [...] Na religião as menores frações de dissidência, de outros credos, ou de incrédulos, têm direito ao mesmo respeito e liberdade que a denominação mais numerosa.*

[...]

*Temos nossas mãos cheias o suficiente com nossas inevitáveis lutas partidárias, e não podemos nos dar ao luxo de ter nossa liberdade religiosa, uma das maiores bênçãos das instituições republicanas, interferida por aqueles que, em seu fanatismo zeloso, imaginem ser os guardiões privilegiados da verdadeira fé. Deixe-os atacar uns aos outros em suas próprias fileiras, tanto quanto quiserem, anatematizarem e excomungarem o desejo em seu coração, tentarem fazer prosélitos, desafiarem a todos os que têm crenças diferentes, mas protestamos enfaticamente contra qualquer tentativa de legislar em matéria de religião.*

O modo como Douglass defendia a liberdade religiosa e a separação entre religião e governo, em muito o aproximam de clássicos como Voltaire, James Madison, Thomas Jefferson. E a sua defesa da tolerância em relação aos diferentes, da igualdade de direitos entre as minorias e dissidentes e as maiorias estabelecidas o colocam em diálogo profundo com um John Stuart Mill.

Além das batalhas pelos direitos dos negros, dos imigrantes e das minorias religiosas, uma das principais batalhas nas quais Douglass mais se empenhou ao longo da vida foi a pelos direitos das mulheres. Isto em parte era uma forma de agradecimento de Douglass ao apoio feminino a causa antiescravista, como ele mesmo expõe, em sua terceira autobiografia:

“

*Quando a verdadeira história da causa antiescravista for escrita, as mulheres ocuparão um grande espaço em suas páginas, pois a causa do escravo tem sido peculiarmente a causa da mulher. Seu coração e sua consciência supriram em grande medida sua motivação e sua força motriz. Sua habilidade, diligência, paciência e perseverança foram maravilhosamente manifestas em todas as horas de prova.*

Por seu envolvimento com o movimento pelo sufrágio feminino, de amigas abolicionistas tais como Elizabeth Cady Stanton (1815-1902), Susan B. Anthony (1820-1906), Lucy Stone (1818-1893) e Harriet Tubman (1822-1913) (a última também negra e, assim como Douglass, fugitiva da escravidão), e com outras causas de empoderamento feminino, Douglass recebeu o apelido pejorativo de **“Women’s Rights’ Man”** (“Homem dos direitos das mulheres”), algo como “homem dos direitos das mulheres”, ).

Sobre esse apelido pejorativo, Douglass afirma que:

“

*Fico feliz em dizer que nunca tive vergonha de ser assim designado. Reconhecendo não o sexo, não a força física, mas a inteligência moral e a capacidade de discernir o certo do errado, o bem do mal e o poder de escolher entre eles, como a verdadeira base do governo republicano, ao qual todos se submetem e todos são obrigados a obedecer, eu não demorei a chegar à conclusão*



*de que não havia fundamento na razão ou na justiça para a exclusão da mulher do direito de escolha na seleção das pessoas que deveriam enquadrar as leis e, assim, moldar o destino de todas as pessoas, independentemente do sexo.”*

A luta feminista de Douglass continuou pelo resto de sua vida, ainda que não tenha ocorrido sem atritos por divergências pragmáticas, como as ocorridas entre Douglass e Stanton nas discussões em relação a 15º Emenda, mas especificamente sobre a quem se deveria primeiro garantir o direito ao voto, aos homens negros, como Douglass defendia, ou as mulheres (brancas, diga-se de passagem), como Stanton defendia.

Apesar da momentânea cisão entre Douglass e Stanton, Douglass nunca abandonou a luta feminista em si, tendo a partir deste momento passado a lutar junto a feministas que não estavam sob a liderança de Stanton, como Lucy Stone.

Uma demonstração de que as convicções feministas de Douglass não haviam enfraquecido, é a dada por ele em 1888, no seu clássico discurso **I Am a Radical Woman Suffrage Man** (Tradução livre: “Eu sou um homem radical do sufrágio feminino”), na Convenção Anual da Associação pelo Sufrágio Feminino da Nova Inglaterra, em Boston, realizada sob a liderança de Lucy Stone.

Refletindo tanto sobre a sua convicção radical em defesa dos direitos das mulheres, nas bases que essa convicção encontrava nos próprios princípios que fundaram os Estados Unidos, quanto na comparação entre as lutas que o movimento abolicionista travou, e venceu, e as lutas que o movimento feminista da época estava travando,

Douglass lança seus argumentos: auto propriedade, direitos individuais e igualdade de direitos políticos:



*Sou um homem radical de sufrágio feminino. Eu era um homem assim há quase cinquenta anos. Eu mal tinha limpado a poeira da escravidão dos meus pés e pisado no solo livre de Massachusetts, quando tomei o lado do sufrágio nesta questão. Tempo, pensamento e experiência só aumentaram a força da minha convicção. Acredito igualmente em sua justiça, em sua sabedoria e em sua necessidade.*

[...]

*A reivindicação da mulher ao direito de participação igualitária no governo com o homem tem seu fundamento na natureza e personalidade da mulher e na doutrina admitida pela liberdade americana e na autoridade e estrutura de nosso governo republicano.*

[...]

*De acordo com a Declaração de Independência e com os homens que assinaram aquela grande carta da liberdade humana, todos os poderes legítimos do governo derivam do consentimento dos governados.*

[...]

*A mulher não pede ao homem o direito de sufrágio. Isso é algo que o homem não tem poder para dar. Os direitos não têm sua fonte na vontade ou na graça do homem. Não são coisas que ele pode conceder ou reter de acordo com sua vontade e prazer soberanos. Tudo o que a mulher pode pedir ao homem para fazer neste caso, e tudo o que o homem pode fazer, é sair do caminho, tirar suas forças obstrutivas de multas e prisão e seus usos obstrutivos fora do caminho, e deixar a mulher expressar seus sentimentos nas urnas e no governo, igualmente com ele. Dê-lhe um jogo limpo e deixe-a em paz.*

[...]

*Ao traçar o progresso moral e intelectual da humanidade, da barbárie à civilização, vemos que todo e qualquer avanço, por mais simples e razoável que seja, foi duramente resistido. Parece que quanto mais simples a proposta de reforma, mais severa e apaixonada tem sido a resistência. A vitória sempre foi encontrada, quando encontrada, do outro lado do campo de batalha.*

*A proposição que embasava o movimento antiescravagista foi uma das mais claras que já saíram dos lábios do homem. Era tão simples e evidente que argumentar parecia um desperdício de fôlego e apelar para um insulto ao entendimento, e ainda assim essa simples proposição continha em si uma força explosiva mais poderosa que a dinamite – uma força que dividiu e despedaçou a nação, rasgou-a ao meio, e encheu a terra com exércitos hostis. A proposição fundamental do antiescravismo era simplesmente esta: todo homem é ele mesmo, ou em outras palavras, é seu, ou, o que é a mesma coisa, todo homem é o legítimo proprietário de si mesmo. Nada poderia ser mais claro do que isso, mas a imprensa e o púlpito, a igreja e o Estado, o santo e o pecador, o Norte e o Sul, denunciaram a proposição como cheia de maldade e que deveria ser derrubada a todo custo. O direito do homem à sua fé religiosa, de acreditar no que não podia fazer senão o que acreditasse, teve o mesmo destino e encheu a Europa com quase um século de guerra. Com esses e outros exemplos semelhantes diante de nós, não devemos achar estranho que a proposta de emancipar a mulher, de revesti-la com todos os direitos e dignidade da cidadania americana, encontre resistência.*

*A proposta fundamental do movimento sufragista feminino não é menos simples do que a do movimento antiescravagista. Assume que a mulher é ela mesma.*

*Que ela pertence a si mesma, tão plenamente quanto o homem pertence a si mesmo – que ela é uma pessoa e tem todos os atributos de personalidade que podem ser reivindicados pelo homem, e que seus direitos individuais são iguais em todos os aspectos aos do homem. Ela tem o mesmo número de sentidos que distinguem o homem, e é como o homem um sujeito do governo humano, capaz de compreender, obedecer e ser afetado pela lei. Que ela é capaz de formar um juízo inteligente sobre o caráter dos homens públicos e das medidas públicas, e pode exercer seu direito de escolha em relação tanto à lei quanto aos legisladores. Do que tudo isso, nada poderia ser mais simples ou mais razoável.*

*A geração que subiu ao palco desde a guerra dificilmente pode perceber, em vista dos princípios fundamentais do governo americano, que a escravidão sempre existiu aqui, que o púlpito e a imprensa, que a Igreja e o Estado sempre a defenderam. Assim, quando essa batalha pelo sufrágio feminino tiver sido travada e a vitória conquistada, os homens ficarão espantados com a injustiça e a estupidez que por tanto tempo privaram as mulheres americanas do voto.”*

Nos trechos acima, percebe-se que Douglass retoma os princípios apresentados por Locke sobre auto propriedade individual, os princípios de igualdade de direitos a participação política apresentados por Thomas Paine, e os princípios do governo livre e consentido apresentados por Thomas Jefferson, com o detalhe de que todos estes princípios também seriam válidos para as mulheres, superando assim os limites pessoais de todos estes pensadores.

Ainda em 1888, já reconciliado com Stanton, Douglass participou do evento de fundação do **Conselho Internacional de Mulheres** (primeira organização feminista internacional, a qual alias existe até hoje), também sob a liderança de Stanton.

Sendo uma presença ilustre, Douglass, ainda um ativo militante, proferiu o discurso **Sobre o Sufrágio Feminino**, no qual, expõe novamente a raiz e a seiva individualista de sua defesa dos direitos das mulheres, bem como natureza universalista dessa defesa que, já tendo até então enfrentado tantos obstáculos, não voltaria atrás:



*Ela [a mulher] é sua melhor representante. Não podemos falar por ela, nem votar por ela, nem agir por ela, nem ser responsáveis por ela, e a coisa a ser feita pelos homens, sob essas premissas, é apenas sair do caminho dela e dar a ela a mais completa oportunidade de exercer todos os poderes inerentes à sua personalidade individual, e também dar a ela a mais completa oportunidade para que ela os exerça como ela mesma escolher exercê-los. Seu direito de ser e fazer é tão completo e perfeito quanto o direito de qualquer homem na terra.*

[...]

*A história do mundo nos deu muitos empreendimentos sublimes, mas nenhum mais sublime do que esse [...] Os homens tomavam por certo tudo o que se podia dizer contra a intemperança, a guerra e a escravidão. Mas tal vantagem não foi encontrada no início da causa do sufrágio feminino. Pelo contrário, tudo na condição da mulher deveria ser adorável, simplesmente como era e como deveria ser. Ela não tinha direitos negados, não havia erros para corrigir. Ela mesma não tinha suspeitas, exceto de que tudo estava indo bem com ela. Ela flutuava na maré da vida, como sua mãe e avó haviam feito antes dela, como em um sonho do paraíso. Os erros da condição da mulher, se ela tivesse algum, eram ocultos demais para serem vistos, e leves demais para serem sentidos. Foi necessária uma voz ousada e uma mão determinada para despertá-la desse sonho delicioso e chamar a nação para dar conta dos direitos e oportunidades dos quais ela estava privando a mulher. Foi bem compreendido no começo que a mulher não nos agradeceria por perturbá-la por esse chamado ao dever, e era sabido que o homem nos denunciaria e nos desprezaria por uma inovação tão ousada sobre a ordem estabelecida das coisas.*

[...]

*Ao estimar as forças com as quais este sufrágio teve que competir durante esses quarenta anos, deve ser lembrado que relações de longa data geram um caráter a favor delas nas partes consideradas. O tempo em si é um poder conservador – um poder muito conservador. Uma sacudida de suas mechas às vezes paralisa a mão e paralisa a língua do reformador. A relação do homem com a mulher tem a vantagem de nos dizer o que sempre foi e sempre será, por todo o mundo. Mas já ouvimos esse velho argumento antes e, se vivermos muito tempo, ouviremos novamente. Quando qualquer erro antigo for atacado e qualquer abuso antigo tiver que ser removido, encontraremos esse mesmo velho argumento. O homem tem sido tanto tempo o rei e a mulher a súdita – o homem está há tanto tempo acostumado a comandar e a mulher a obedecer – que ambas as partes da relação foram endurecidas em seus respectivos lugares, e assim foi empilhada uma montanha de ferro contra a emancipação da mulher.*

*A universalidade do governo do homem sobre a mulher é outro fator na resistência ao movimento de sufrágio feminino. Somos apontados para o fato de que os homens não apenas sempre governaram as mulheres, mas que eles o fazem em todos os lugares, e eles facilmente pensam que uma coisa que é feita em todo lugar deve estar certa. Embora a falácia desse raciocínio seja transparente demais para precisar de refutação, ela ainda exerce uma influência poderosa.*

[...]

*Todas as boas causas são mutuamente úteis. Os benefícios resultantes deste movimento pela igualdade de direitos da mulher não estão confinados ou limitados apenas à mulher. Eles serão compartilhados por todos os que se esforçam para promover o progresso e o bem-estar da humanidade em todos os lugares e em todas as épocas. Foi um exemplo, e uma profecia, do que pode ser feito contra forças fortemente opostas, contra os abusos do tempo sagrado, contra o erro profundamente enraizado, contra o que está em uso em todo o mundo, e contra a decisão firme de todos no mundo, dado por algumas mulheres sinceras, vestidas apenas com o panóplia da verdade e determinadas a viver e morrer naquilo que consideravam uma causa justa.*

[...]

*Essa nova revolução no pensamento humano nunca voltará atrás. Quando uma grande verdade uma vez chega ao mundo, nenhum poder na Terra pode aprisioná-la, prescrevê-la ou reprimi-la. Está em direção a continuar até se tornar o pensamento do mundo. Tal verdade é o direito da mulher a igual liberdade a do homem. Ela nasceu com isso. Era dela antes que ela compreendesse isso. Está inscrita em todos os poderes e faculdades de sua alma, e nenhum costume, lei ou uso pode jamais destruí-la. Agora que se fixou razoavelmente nas mentes de poucos, está destinada a fixar-se nas mentes de muitos e a ser finalmente apoiada por uma grande nuvem de testemunhas, que nenhum homem pode contar e nenhum poder pode suportar.*

*As mulheres que até agora mantiveram essa agitação já incorporaram e ilustraram os três graus de grandeza humana de Theodore Parker [importante pregador abolicionista da época]. O primeiro é a grandeza na capacidade executiva e administrativa, o segundo, a grandeza na capacidade de organizar, e, em terceiro lugar, a capacidade de descobrir a verdade. Onde quer que esses três elementos de poder sejam combinados em qualquer movimento, há um motivo razoável para acreditar em seu sucesso final, e esses elementos de poder se manifestaram nas mulheres que tiveram o movimento em mãos desde o início. Eles são vistos na ordem que caracterizou os procedimentos deste Conselho. Eles são vistos em profundidade e são vistos na fervorosa eloquência e sincera seriedade com que as mulheres advogam sua causa. Eles são vistos na profunda atenção com que a mulher é ouvida em seu próprio nome. Eles são vistos no crescimento constante e na marcha progressiva do movimento, e eles serão vistos no triunfo final da causa da mulher, não só neste país, mas em todo o mundo.”*

Percebe-se que as opiniões de Douglass em relação aos direitos femininos, e a sua convicção de que defendê-los era defender nada mais que igualdade de direitos e liberdades individuais, necessários ao desenvolvimento e a justiça social, o colocam em diálogo com desde com o feminismo iluminista do século XVIII, de Mary Wollstonecraft (1759-1797), Olympe de Gouges (1748-1793) e Marquês de Condorcet (1743-1794) por exemplo, até o feminismo utilitarista do século XIX, de John Stuart Mill e Harriet Taylor Mill (1807-1858) por exemplo. Douglass também influenciou diretamente líderes negras como Rosetta Douglass, sua filha, Madam C.J Walker (1867-1919), importante empreendedora e financiadora da luta pelos direitos das mulheres e dos negros, e Ida B. Wells (1862-1931) líder sufragista e da luta pelos direitos civis. Já a sua compreensão dos ganhos da participação ativa das mulheres nos assuntos públicos para a sociedade e para elas mesmas, tornando-as mais capacitadas para conquistarem uma vida melhor entra em diálogo com o feminismo liberal contemporâneo de Martha Nussbaum (1947-), e seu foco individualista na questão por sua vez entra em diálogo com o feminismo individualista contemporâneo, como o de Deirdre McCloskey (1942-).

De viver intensamente toda uma vida de lutas, com convicção de seus princípios e fé em seus resultados, a conclusão a que Douglass chegou foi simples: o progresso é real, palpável, ainda que muitos o neguem, ainda que muitos lutem contra ele, mas as coisas estão melhorando em relação ao passado, e ainda podem melhorar mais. Douglass discutiu essa questão de forma mais profunda em seu clássico **'It Moves,' or the Philosophy of Reform** (Tradução livre: "‘Ele se move', ou a Filosofia da Reforma"), um de seus últimos textos, no qual, já com uma vida de experiência na luta por tornar o mundo ao seu redor melhor para se viver, faz reflexões sobre tudo o que já foi havia sido conquistado até então:



*Alguns escritores e pensadores muito respeitáveis afirmam que a Reforma é uma ilusão, uma aparência enganosa; que não existe algo como tornar o mundo melhor; que o fenômeno de mudança em todos os lugares observáveis, não traz melhorias substanciais; que a humanidade é como o mar, cujas ondas sobem e descem, avançam e recuam, enquanto o nível geral permanece para sempre o mesmo.*

[...]

*Não voltarei a combater esse ceticismo antes de mencionar outra e pior forma de descrença, não a negação de que o mundo está ficando melhor, mas a afirmação de que está piorando. A melhoria não é apenas negada, mas a deterioração é afirmada. De acordo com os defensores dessa teoria, a humanidade está em um degrau decrescente; fisicamente, moralmente e intelectualmente, os homens e mulheres de nossa época não são em nada iguais aos antigos, e a arte, a ciência e a filosofia nada ganharam. Essa visão misantrópica do mundo pode, penso eu, ser facilmente respondida. [...]*

[...]

*Existem dois modos suficientes de responder a teorias na negação do progresso e da reforma. Uma é um apelo à natureza essencial do homem; a outra é para fatos e experiências históricas. A negação do progresso e a suposição de um retrocesso são uma contradição direta à natureza essencial e comprovada do homem. Ela se opõe ao conhecido desejo natural de mudança e nega a esperança instintiva e a aspiração da humanidade por algo melhor.*

[...]

*As próprias condições de desamparo em que os homens nascem sugerem reforma e progresso como a necessidade de sua natureza. Ele literalmente não traz nada ao mundo para atender às suas inúmeras necessidades. Ele é, à primeira vista, menos afortunado do que todos os outros animais.*

*A natureza não preparou nada para ele. Ele deve encontrar seu próprio alimento necessário, roupas e abrigo, ou a mão de ferro da natureza o ferirá com a morte. Mas ele tem uma dignidade que pertence somente a ele. Ele é um objeto, não apenas para si mesmo, mas para sua espécie, e sua espécie um objeto para ele. Todo homem bem formado não encontra descanso para sua alma, enquanto qualquer parte de sua espécie sofre de um mal reconhecido. O desejo mais profundo do coração de um homem verdadeiro é que o bem seja aumentado e o mal, moral e físico, diminuído, e que cada geração seja um aperfeiçoamento de sua antecessora.*

[...]

*Felizmente para nós, o mundo se move e, melhor ainda, seu movimento é para cima. Reinos, impérios, potestades, principados e domínios, podem aparecer e desaparecer; pode florescer e decair; mas a humanidade como um todo deve sempre seguir em frente e aumentar na perfeição de caráter e na grandeza das realizações.*

[...]

*A experiência e a observação na ciência do governo nos deram uma visão mais clara da justiça e os meios de averigua-la.*

*A vacinação foi descoberta e, como todas as novas descobertas, teve que primeiro manter uma batalha vigorosa pela existência. Foi condenada pela igreja como um ardil do diabo para derrotar os julgamentos de Deus. Não obstante, ela triunfou e agora é adotada pelos mais instruídos de todas as nações.*

*A história do mundo mostra que a humanidade vem gradualmente conquistando*

*a vitória sobre a fome, as pragas e a peste, e que doenças de todos os tipos estão se desfazendo de sua grosseria repulsiva.*

[...]

*A ciência nos diz o que há nas tempestades no céu e quando e onde descerão em nosso continente, e ninguém agora pensa em orar por chuva ou bom tempo.*

*Apenas alguns séculos atrás, as mulheres não tinham permissão para aprender as letras do alfabeto, agora ela ocupa seu lugar entre as forças intelectuais da época e se classifica com nossos melhores estudiosos, melhores professores e autores de maior sucesso. Lundy, Walker e Garrison [líderes abolicionistas] chocados com a enormidade da escravidão, rotularam o sistema como um crime contra a natureza humana; e, após trinta anos de conflito feroz e ardente contra a imprensa e o púlpito, a igreja e o estado, os homens deixaram de citar as Escrituras para provar que a escravidão é uma instituição divina.*

*Os pais da Revolução Americana deram um grande passo na direção do conhecimento político quando descobriram e anunciaram a humanidade como fonte e autoridade para o governo humano. A eles devemos hoje por um governo do povo. Até a própria Europa está gradualmente se desfazendo de sua noção do direito divino dos reis.*

*A concepção da Divindade na juventude do mundo era, como todos sabem, selvagem, fantástica e grotesca. Ele moldou sua ideia em imagens enormes, repulsivas e monstruosas, com uma adoração de grosserias correspondente, abundante em sacrifícios sangrentos de animais e homens. Quem nos dirá hoje que não houve progresso real nesta fase do pensamento e prática humanos, ou que a mudança nas concepções religiosas do mundo não é uma melhoria? “Ainda mais marcantes e enfáticas” são as evidências do progresso quando nos voltamos dos interesses religiosos para os materiais do homem. Arte, ciência, descoberta e invenção, surpreendem-nos e confundem-nos a cada passo, pelas suas rápidas, vastas e maravilhosas realizações.*

*Essas forças fizeram dos homens senhores onde eram vassalos, senhores onde eram escravos e reis onde eram súditos. Elas aboliram as limitações de tempo e espaço e trouxeram os confins da terra juntos.*

*Não há nada a favor da misantropia para a qual o precedente é em algum sentido uma resposta, em males, dificuldades e sofrimentos que ainda permanecem, e no fato de a vida ainda está muito aquém de nossas melhores concepções de como a vida deveria ser; pois, enquanto o mais desanimador do presente não puder nos indicar qualquer período na história do mundo pelo qual trocaríamos o presente, nosso argumento para o progresso permanecerá conclusivo.”*

Com tantos argumentos tão fortes para sustentar a reforma e o progresso, como a negação destes ainda se sustenta? De acordo com Douglas:



*É claro que a mensagem da reforma é em si mesma um impeachment da ordem de coisas existente. É um chamado para aqueles que já se consideram altos, para subirem mais alto, e, naturalmente, eles se ressentem da censura implícita. Também é digno de nota que, em toda luta entre o pior e o melhor, o velho e o novo, a vantagem no início é, em todos os casos, com o primeiro. São poucos contra a massa. O antigo e há muito estabelecido tem a vantagem de organização e respeitabilidade.*

*Além disso, tudo o que existe há muito tempo neste mundo tem o poder de gerar um caráter e uma condição nos homens e nas coisas ao seu redor, favorável à sua própria continuidade. Mesmo uma coisa tão chocante e odiosa como a escravidão tinha o poder de se intrinchar e se fortalecer atrás das muralhas da igreja e do estado, e fazer o púlpito defendê-la como uma instituição divina.*

[...]

*A própria natureza humana tem um lado caloroso e amigável para o que é velho; pelo que resistiu à maré do tempo e se tornou venerável pela idade. Os homens percorrem muito a velha estrada, embora você lhes mostre uma mais curta e melhor, simplesmente porque eles sempre viajaram por essa estrada. Eles viverão na casa velha muito depois de verem a necessidade de uma nova. Amáveis e preciosas associações nos ligam ao querido velho lar. Nós nos apegamos a ele embora as estrelas da meia-noite brilhem através de suas telhas; embora os ventos do Norte das montanhas cobertas de neve assobiem suas canções geladas através de suas fendas irregulares e paredes em ruínas; e embora, em forma e tamanho, possa ser um anacronismo arquitetônico, antiquado, estranho e dilapidado. O pensamento de que pai e mãe viveram aqui em paz, felicidade e serenidade, faz com que a velha casa, com todos os seus defeitos, ainda seja cara ao coração dos filhos, de geração em geração. Tal como aconteceu com a velha casa, assim como com o velho costume, a velha igreja e o antigo credo, os homens os amam, defendem-nos, lutam por eles, recusam-se a ver os seus defeitos, por causa do conforto que deram a inúmeras almas enfermas e saúde, na tristeza e na morte.”*

Reforma e progresso não apenas são possíveis, como na verdade são parte da nossa natureza e cheios de exemplos concretos inegáveis, e as lutas reformistas, progressistas e radicais são, para Douglass, lutas pelo conhecimento e aplicação de verdades mesmo que indo contra erros arraigados, e são lutas sobretudo humanistas, travadas e vencidas por nós, utilizando de nossas próprias forças, e com resultados a serem usufruídos por nós, pois:



*Na medida em que as leis do universo foram descobertas e compreendidas, elas parecem ensinar que a missão de melhoria e aperfeiçoamento do homem foi totalmente confiada ao próprio homem. Então ele deve ser seu próprio salvador ou seu próprio destruidor. Ele não tem anjos para ajudá-lo nem demônios para impedi-lo.*

[...]

*Toda reforma, seja moral ou física, seja individual ou social, é o resultado de alguma verdade nova ou de uma inferência lógica de uma verdade antiga e admitida.*

[...]

*Conseqüentemente, todas as reformas genuínas e duradouras devem envolver uma renúncia ao erro que é transitória e um retorno à verdade que é eterna.*

*A missão do reformador é descobrir a verdade, ou a ordem estabelecida e eterna do universo. Esta palavra descobrir é uma palavra importante. Tem um significado mais profundo do que meramente tornar-se conhecedor da verdade, ou de qualquer outro assunto anteriormente desconhecido. Não é simplesmente abrir os olhos e ver o que não foi visto antes, mas parece descobrir, remover tudo o que pode obstruir, dificultar ou impedir o entendimento de apreender qualquer objeto do qual possa estar devidamente ciente. Envolve esforço, trabalho, seja do corpo ou da mente, ou ambos.*

[...]

*No conflito necessário entre o velho e o novo, a essência externa e interna das coisas, os homens se dividem naturalmente em duas grandes classes: uma radical, a outra conservadora. Existem muitos tons de diferença entre esses dois limites. Neutralidade positiva e perfeita só é possível para o absolutamente ignorante e estúpido. Esta classe de homens vê apenas resultados; mas não sabem nada quanto ao método ou trabalho de realizá-los. O máximo que eles podem dizer quando o trabalho do reformador é concluído é: "Graças à Providência!"*

*Homens anti-escravistas, contra uma tempestade de violência e perseguição que teria horrorizado a maioria dos homens, educaram o povo do Norte a acreditar que a escravidão era um crime; educaram-os até o ponto de resistência ao poder escravista, e assim trouxeram a abolição da escravidão. No entanto, o ignorante e o estúpido ainda perguntarão: "O que Garrison, Gerrit Smith e outros fizeram pelos negros?" Eles vêem o negro livre; eles o veem viajando em ferrovias e barcos a vapor, onde nunca antes tinham permissão para viajar; eles o vêem indo para a escola e abarrotando seu caminho para os lugares altos da terra, que vinte anos atrás teriam sido considerados impossíveis para ele, mas eles não veem por*

*qual inteligência, coragem e esforço heroico esses resultados foram alcançados. Eles são neutros por ignorância e estupidez. Eles não têm parte ou lote na obra da reforma, exceto para compartilhar seus frutos.*

*Além dessa classe estúpida, há outra, que pode ser chamada de intermediários. Eles ficam entre os dois lados; homens que se elogiam pela moderação, porque não são nem quentes nem frios; homens que às vezes ajudam um pouco uma boa causa para impedi-la muito. Eles são, no entanto, de pouca importância no conflito com o mal. Eles são mera madeira flutuante; o que os marinheiros chamam de água morta. Eles seguem na esteira de suas respectivas forças, sendo eles próprios destituídos de força motriz.*

*São os homens que vão mais longe de ambos os lados que constituem as forças reais. Todos os outros se movem conforme são movidos. Por sua timidez e peso morto, eles contribuem muito para retardar uma boa causa; mas quando o conflito termina e a vitória é conquistada, eles geralmente são encontrados na frente, gritando mais alto do que qualquer um dos que participaram do conflito.*

*É sempre o primeiro passo em qualquer grande causa que custa, e o destino dos pioneiros é sofrer reprovação e perseguição.”*

A defesa que Douglass faz não apenas da possibilidade de reforma e de progresso, e das reformas e progressos já alcançados, mas também de que se tome o lado reformista e progressista, o lado radical, contra o lado cético em relação ao futuro, saudosista em relação ao passado, e conservador em relação ao status quo, é uma das características que mais saltam à vista quando se estuda sua vida e seus feitos.

Seu reconhecimento dos avanços conquistados até o momento nas ciências e na sociedade, seu otimismo na luta reformista e progressista por mais, sua luta pelo lado radical para mover a sociedade para frente e para cima, são profundamente inspiradoras até hoje. Nisto, ele pode muito bem ser colocado ao lado de ícones do liberalismo progressista, tanto seus precedentes iluministas como Thomas Paine e Marques de Condorcet, como os utilitaristas contemporâneos a ele como Stuart Mill, e também ícones atuais do liberalismo progressista, como Steven Pinker e Angus Deaton.

# O Liberal Radical e Progressista Douglass

**C**onsidere o seguinte princípio: todos somos, enquanto indivíduos humanos, iguais em direitos básicos em relação a nós mesmos, nossos corpos, nossas habilidades, e nossas vidas, e disto decorre nossa liberdade individual para fazermos nossas escolhas, e nossa responsabilidade individual para com as escolhas que fazemos, pelos ganhos que conquistamos e acumulamos de maneira pacífica. E isto independe de diferenças de raça, etnia, gênero, nacionalidade e religião. Isto independe de se somos maioria ou minoria. Isto independe do passado. Deste princípio surge um ideal de mundo a ser alcançado por nós enquanto sociedade, que elege um governo.

O papel do governo, então, é garantir este princípio de igualdade e liberdade, mesmo que indo contra costumes e tradições religiosas arraigadas da maioria, e deixar que a sociedade de indivíduos livres siga seu curso livremente. Este é um ideal pelo qual vale a pena lutar, mesmo que se adotando posturas radicais quando necessário, para se combater qualquer força que se interponha ao alcance deste ideal. E o motivo pelo qual se vale a pena lutar por este ideal é que a medida em que ele é alcançado, o mundo se torna melhor, mais justo, mais racional, mais próspero, mais igualitário e mais livre. Faz parte da nossa natureza buscar construir um mundo assim para nós. E este mundo só é alcançado de forma mais segura e justa na medida que a individualidade de todos, principalmente dos que são diferentes de nós, é igualmente respeitada e protegida.

Assim, se retorna com mais força ao princípio do início do parágrafo, para que dele se possa novamente partir para novas conquistas, e de novo se retornar ao princípio com mais força ainda e de novo se partir dele para novas conquistas. Perfeita coerência em movimento. Foram poucos os que colocaram esta coerência em movimentos tão intensos, que levaram este princípio tão longe, que lutaram tanto pelo ideal dele decorrente, movidos por uma convicção tão profunda de que assim o mundo seria melhor, quanto Frederick Douglass. Podendo se dar por satisfeito em conquistar a própria liberdade pessoal, não descansou até que outros escravos também estivessem livres e em garantia de seus direitos.

Podendo se limitar as questões concernentes aos negros, não se furtou de também lutar por outros grupos também discriminados, como irlandeses, chineses, imigrantes em geral, minorias religiosas e mulheres. Não hesitou em adotar uma postura radical em todas estas lutas, mesmo que tendo tradições e costumes religiosos arraigados da maioria como seus adversários. E tudo o que fez foi acreditando que isso iria tornar o mundo um lugar melhor para ele e todos ao seu redor.

**Assim, Douglass foi um dos melhores exemplos de como se ser liberal, de como se ser radical e de como ser progressista.**